

DIRECÇÃO

de

HENRIQUE DE RESENDE

MARTINS MENDES

e

ROSARIO FUSCO

VERDE

REVISTA MENSAL
DE ARTE E
CULTURA

REDACÇÃO

e

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES -- MINAS

S U M M A R I O

Apresentação

José Mindlin

Os verdes da "Verde"

Guilhermino Cesar

A "alegre e paradoxal"
revista VERDE de Cataguases

Cecília de Lara

VERDE ("História de revistas
e jornais literários").

Plinio Doyle

ABI CONSULTA
EXCLUSIVA
NA BIBLIOTECA

VERDE, fora do tempo e do espaço.

“Os isolados não marcam (sendo talvez os que mais fiquem). Só os grupos é que traçam as pistas de vanguarda.” (T.A.)

A tentativa de avaliar o papel de VERDE no movimento modernista torna imprescindível aproximá-la das demais publicações do movimento. Cronologicamente situa-se entre TERRA ROXA e outras terras e a REVISTA DE ANTROPOFAGIA – a primeira do ano de 26 e a segunda iniciando-se em 28, ambas em S. Paulo. VERDE viveu o momento em que o Modernismo se identifica com as formas de nacionalismo literário: o primitivismo “Pau Brasil”, a caminho da Antropofagia; o Verdeamarelismo, ou simplesmente, “brasileirismo”, busca ampla no presente e no passado do que fosse traço de um “caráter brasileiro” ou “espírito brasileiro” – na arte e na vida, nas coisas e nas pessoas, conforme já abordamos de modo extenso no estudo introdutório à reedição da revista TERRA ROXA.

Por outro, Belo Horizonte já havia realizado A REVISTA, fruto mais imediato do contato pessoal do grupo mineiro que se articulava com a presença física dos modernistas de S. Paulo e Rio em Minas. A dupla influência representada por esse contato também já foi objeto de nossa consideração em estudo incluído na edição fac-similar de A REVISTA.

VERDE surge em momento de relativo equilíbrio do movimento, passada a fase mais polêmica da Semana e de KLAXON, após ESTÉTICA e A REVISTA, mais discretas em seu desempenho. VERDE rompe esse clima e instaura a “alegria criadora”, dos primeiros tempos do movimento e assume a irreverência e o questionamento de 22, talvez porque o ambiente provinciano não tivesse condições de assimilá-la. É também amostra da dinâmica interna do Modernismo, reavivada a cada etapa de implantação e em cada lugar, fora do seu meio inicial, S. Paulo e Rio. Após VERDE, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA desferirá o último golpe na face passadista da região centro-sul. Mas em outros estados, nas décadas de 30 e até 40, grupos renovadores fizeram recrudescer as oposições que se incendiaram em posturas de renovação e passadismo: constantes, permanentemente à espreita, em qualquer tempo e lugar.

VERDE foi um elo de transição da corrente Pau-Brasil para a Antropofagia e se não teve substância maior, para deixar como legado, seu papel na época foi marcante. Por ter sido a única revista do momento no ano de 27 mobilizou os grupos todos, anteriores, e polarizou os novos que surgiam em outras partes do Brasil. Embora diferente de A REVISTA, por sua vez consolida a participação de Minas no processo de renovação.

Recolocada na série de periódicos modernistas, tem feição bastante própria no amplo painel de publicações do movimento. Segundo Mário de Andrade os dois grupos mineiros tiveram papéis bem diferentes. A REVISTA apresentou figuras de valor pessoal notável, com Drummond na poesia e João Alphonsus na prosa. VERDE “porém teve uma realidade muito mais brilhante e uma ação interestaduada e fecunda...” E assinala o papel polarizador de VERDE na época, “coisa que A REVISTA não conseguiu”. Palavras que reiteram a afirmação de Athayde em “gente de amanhã” que utilizamos como epígrafe: “Os isolados não marcam (sendo talvez os que mais fiquem). Só os grupos é que traçam as pistas da vanguarda.”

VERDE não durou, como ocorreu com as demais publicações modernistas da década de 20. O fato de ter sido a única revista do movimento em 27 explica a canalização da produção modernista para esse veículo de que dispunha. Isso não tira o mérito, pois simplesmente ela poderia ter passado ignorada, se não houvesse o espírito de expansão e arregimentação de seus componentes. Reuniu colaboradores de KLAXON, ESTÉTICA, A REVISTA, 2ª fase de A REVISTA DO BRASIL, de 26, TERRA ROXA e outras terras, além de mineiros de Juiz de Fora, colaboradores de Natal, etc. Já me referi a esse curioso itinerário que percorrem os modernistas de uma e outra publicação. Daí reafirmamos que não é a curta duração, a simplicidade, a aparente falta de valor de cada periódico isolado que merece consideração. Tudo isto se dissipa quando reconstituimos o conjunto – e surge o painel da construção coletiva do movimento, como uma onda crescente, que reúne modernistas do grupo inicial, incorpora os mais recentes, incentiva o aparecimento de novos.

Também já mencionei, no estudo de A REVISTA, como ganha dimensão diversa o exame da produção individual à luz da experiência conjunta, que era a própria realização do periódico. É preciso imaginar o que havia antes, por trás e

depois de cada número que saia. O que se discutia, o que se lia, as cartas que iam e vinham, as repercussões locais e as de fora. Vivência que se tornava a verdadeira escola de renovação, não só literária mas pessoal, em sentido amplo. Daí a marca de "Modernismo" que ainda trazem até hoje os seus participantes apaixonados. Quem conhece um Sérgio Buarque de Hollanda e um Guilhermino César sabe de que estou falando e pode avaliar melhor a vibração, o entusiasmo com que se entregaram à tarefa de abrir luta permanente não só contra a arte estagnada mas principalmente contra a mentalidade retrógrada.

"A 'alegre e paradoxal' revista *Verde* de Cataguases", Cecília de Lara in *Verde*, edição fac-similada, São Paulo, Metal Leve S.A., 1978, pp. nn.